



MR 005. Antropologia por meio do fazer: experiências de correspondência com praticantes habilidosos em instituições públicas de ensino e pesquisa

Zoy Anastassakis (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) - Coordenador/a, Raquel Gomes Noronha (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO) - Participante, Thiago Lopes da Costa Oliveira (Museu do Índio) - Participante, Amilton Pelegrino de Mattos (Universidade Federal do Acre) - Participante, Isabel Ribeiro Penoni (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) - Debatedor/a

A mesa tem por objetivo debater e apresentar pesquisas e projetos conduzidos por antrop?logo/as que vem se dedicando a fazer antropologia por meio de experi?ncias de correspond?ncia que n?o sejam pautadas em pr?ticas cl?ssicas de etnografia, documenta??o e transmiss?o de informa??o, mas, sim, em experi?ncias sociais, inovadoras e colaborativas, por meio de response abilities (INGOLD, 2018; HARAWAY, 2016), nossas habilidades de responder, ou melhor, de corresponder (INGOLD, 2018, 2016) ao que fazem os ?outros?, seja aqueles que encontramos ?em campo? ou com quem convivemos nas institui?es de ensino e pesquisa em que atuamos. Esses ?outros? s?o aqui percebidos como praticantes habilidosos (INGOLD, 2000) com quem buscamos estabelecer rela?es de correspond?ncia, criando assim pesquisas e projetos comuns. Nesta mesa, tais quest?es emergem a partir de experimenta?es levadas a cabo em quatro institui?es p?blicas, a saber, Museu do ?ndio - FUNAI, a Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ, a UFAC (Campus Floresta) e o Departamento de Desenho e Tecnologia da UFMA. Tais experimentos se constituem por meio de projetos colaborativos e pr?ticas de ensino e pesquisa realizados em parceria com praticantes habilidosos tais como comunidades ind?genas, quilombolas e de terreiro (MI, UERJ, UFAC e UFMA), artistas, artes?os e professores (MI, UERJ, UFAC e UFMA), estudantes de design (MI, UERJ e UFMA), e estudantes da licenciatura ind?gena no Centro de Educa??o e Letras da UFAC.

A escrita das imagens e a fala da terra nas pr?ticas do Mahku - Movimento dos Artistas Huni Kuin

Autoria: Amilton Pelegrino de Mattos

Centro Mahku Independente (CMI) é como os huni kuin da associa?ão Movimento dos Artistas Huni Kuin (Mahku) denominam o trecho de floresta adquirido pelo coletivo para se constituir em seu laborat?rio. Nos ?ltimos anos o coletivo tem realizado oficinas, resid?ncias art?sticas e acad?micas e tamb?m composto uma rede constitu?da de universidades e museus, junto aos quais realiza exposi?es, oficinas, cursos. A associa?ão teve origem nas pesquisas de Ib? com os huni meka, cantos de nixi pae (ayahuasca) na Universidade Federal do Acre, quando criamos o projeto de pesquisa Esp?rito da floresta para transformar junto a outros pesquisadores huni kuin os cantos em imagens (desenhos, v?deo, encontros e outras experimenta?es visuais). Interessa-me nessa apresenta?o experimentar com o conceito de correspond?ncia a partir dessas diversas dimens?es e pr?ticas que constituem o Mahku e o CMI.

Correspond?ncias entre designers e artes?es em processos de constru?o de artefatos projetuais

Autoria: Raquel Gomes Noronha



Apresentamos resultados de correspondências entre professora e alunos de design com artesãs em uma pesquisa que visa a construção de artefatos para mediação de práticas criativas. Dedicados ao entendimento dos processos de "empoderamento" e "aprisionamento" percebidos com a prática do artesanato em quatro comunidades no estado do Maranhão, os atores sociais, em correspondência, produziram ferramentas colaborativas que propiciaram o entendimento de tais processos. Para além de um processo de representação do outro, seguindo o que propõe o antropólogo Tim Ingold (2011; 2015; 2018), as ferramentas e jogos propostos sobre a associação das ideias de empoderamento no artesanato com design e metodologias projetuais colaborativas foram construídas em correspondência, como um caminhar lado a lado, a partir de um design por meio da antropologia, de modo especulativo e por meio do fazer.

Experiências de correspondência por meio de artefatos e territórios no contexto de um projeto de documentação de culturas indígenas de recente contato e fronteira, o Prodocult (Museu do Índio-FUNAI/UNESCO)

Autoria: Thiago Lopes da Costa Oliveira

Esta apresentação tem por objetivo refletir sobre as práticas de pesquisa-ensino-extensão ocorridas no âmbito do Projeto de Salvaguarda das Culturas Indígenas (Prodocult) do Museu do Índio-FUNAI/UNESCO. Tal projeto se propõe a articular práticas de documentação-etnografia com políticas de formação de pesquisadores e salvaguarda de conhecimentos indígenas. O alinhamento entre políticas de Estado (a salvaguarda, a documentação, o registro) e antropólogos e nativos engajados em torno de conhecimentos específicos (saberes sobre artefatos, línguas e territórios) se dá em um contexto privilegiado de pesquisa: as oficinas de documentação. Tais oficinas são espaços de reorganização da experiência etnográfica. São contextos para correspondência e corresponsabilização em torno de performances ?documentais? (visitas, caminhadas, conversas, desenhos, registros fotográficos, sonoros e audiovisuais).



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**